

O povoamento Calcolítico do alvéolo de Vila Chã, Esposende (Norte de Portugal). Notas a propósito das escavações arqueológicas de Bitarandos.

Ana Bettencourt¹
António Dinis²
Carlos Cruz³
Isabel Sousa e Silva⁴

ABSTRACT:

This article draws upon the recent archaeological excavations at the site of Bitarandos (Esposende). This site was disturbed by urban development in the eighties. The earthworks uncovered important archaeological finds, which are kept in the Museu Municipal de Esposende. The excavations, integrated in the project *The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC* revealed an open settlement site with different occupations dating to the Calcolitic period.

1. INTRODUÇÃO

A estação arqueológica de Bitarandos⁵ aparece referenciada como sítio arqueológico nos inícios da década de 1980. Durante trabalhos de remoção de terras, Manuel Albino Penteadó Neiva⁶ encontrou, num terreno agricultado propriedade da sua família, objectos de sílex e fragmentos de cerâmica, decorados, achado ocasional que motivou a realização de uma pequena sondagem arqueológica, sob a orientação de Carlos Alberto Brochado de Almeida⁷, em 1985.

Esta intervenção, cujos resultados globais permanecem inéditos, mereceu um breve apontamento que refere terem sido postas a descoberto algumas estruturas (lareiras e buracos de poste) e recolhidos materiais líticos e fragmentos de cerâmica manual, genericamente integráveis no universo das cerâmicas incisadas metopadas de "tipo Penha" (NEIVA 1999: 26).

¹ Prof. Auxiliar da Universidade do Minho.

² Mestre em Arqueologia pela Universidade do Porto.

³ Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho.

⁴ Mestranda de Arqueologia da Universidade do Minho.

⁵ O local é também conhecido como Bitardos e Maíndos.

⁶ A estação arqueológica foi designada, então, como Maíndos.

⁷ A quem agradecemos ter-nos cedido os dados das antigas escavações para estudo.

As cerâmicas decoradas aparecidas nesta estação, em depósito no Museu Municipal de Esposende, apresentam, segundo Susana Oliveira Jorge, as técnicas de incisão, puncionamento e impressão, estando presentes organizações decorativas identificadas em povoados que a autora escavou na região de Chaves/Vila Pouca de Aguiar e outras, de índole local, sem paralelos imediatos nesses mesmos contextos (JORGE 1986: 819).

Os trabalhos arqueológicos agora realizados tiveram como finalidade primordial contextualizar as escavações atrás referidas, tentar perceber as funcionalidades desta estação, efectuar a reconstrução paleo-ambiental do local e obter dados para estabelecer um quadro cronológico de referência para o Entre Douro e Minho, durante o Calcolítico⁸.

2. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL (FIG. 1 A 3)

A estação arqueológica de Bitarados, localiza-se no distrito de Braga, concelho de Esposende, freguesia de Vila Chã, lugar da Igreja.

Segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 54, as coordenadas geográficas são as seguintes:

Latitude: 41°33' 21" N

Longitude: 8° 44' 43" W

Altitude: 170 metros

Bitarados situa-se na base de uma vertente muito suave, com orientação N-S, pertencente a um monte designado popularmente por planalto de Vila Chã. Implanta-se num alvéolo, com um ligeiro pendor para nascente, no sentido do ribeiro da Igreja que corre para o de Peralta. Esta implantação, com excelente exposição a sul, torna o local muito abrigado e ameno. A área está rodeada de bons solos agrícolas.

A proximidade do ribeiro de Peralta, eixo principal de drenagem da parte média do alvéolo para o Oceano Atlântico, permitiu ao povoado o acesso fácil, durante todo o ano, a um recurso fundamental, a água.

O posicionamento topográfico de Bitarados caracteriza-se, igualmente, pela fácil acessibilidade às áreas de maior altitude da região.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000 (folha 5-C), a estação está implantada numa mancha de aluviões actuais, sendo o substrato rochoso composto por granito, porfiróide, de grão grosseiro a médio. Para oeste, a pouco mais de 500m, e para sul, a cerca de 1km, ocorrem manchas de xistos e grauvaques, fortemente metamorizados e afloramentos de quartzitos intercalados.

Na actualidade, a zona onde se implanta a estação é um espaço aberto, com áreas urbanizadas e de exploração agrícola, com milho, vinha e oliveiras.

O acesso a Bitarados faz-se a partir da Igreja Paroquial de Vila Chã na direcção da Aldeia de Cima, pelo CM.1013.

⁸ Os trabalhos contaram com a participação de Alda Rodrigues, Carla Carvalho, Marta Azevedo, Miguel Carneiro, Mónica Salgado e Sara Cerqueira - licenciados em História - variante Arqueologia da Universidade do Minho, Cristina Guimarães, Gabriela Marques, Hélder Costa, Joana Valdez, José Braga, Marcelo Rodrigues, Marcos Couto, Raquel Sambade, Sofia Figueiredo e Tiago Gomes - alunos da licenciatura em História variante Arqueologia da Universidade do Minho, e com António Mário Dinis - estudante do Ensino Secundário. Funcionários da Junta de Freguesia de Vila Chã participaram na fase inicial e na fase final dos trabalhos. O levantamento de topografia foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Esposende. A equipa beneficiou, também, da presença pontual do Doutor Diamantino Pereira insua, Geólogo do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho e investigador do projecto em que se inscreve a escavação.

3. METODOLOGIA

Atendendo aos objectivos propostos e após a análise cuidada do local com o intuito de se precisar a área anteriormente escavada⁹, optámos por abrir quatro quadrados de 1 x 1m e uma área aberta com 6 x 4m, num total de 24m² (Fig. 4).

Os quadrados - H9, M11, W8 e G'2 - foram dispostos ao longo da parcela de terreno, no sentido do ribeiro, cobrindo um espaço de 26 metros de comprimento. O quadrado H9 situou-se próximo da estrada e o quadrado G'2 mais próximo do ribeiro; os quadrados M11 e W8 situaram-se no espaço intermédio. Pretendia-se sondar a extensão da estação tentando perceber se esta se estendia para as proximidades da linha de água.

A área aberta, onde se escavaram os quadrados D2, EI, E2, E3, FO, F1, F2, G1, H1, H2 e I1, foi quadriculada em local contíguo ao espaço intervencionado em 1985. Aqui, o objectivo era detectar estruturas semelhantes às encontradas anteriormente.

Com a ajuda de uma retro-escavadora, iniciámos os trabalhos pela remoção da areia que cobria a área que pretendíamos intervencionar. Quando foi detectada a camada humosa prosseguiu-se a decapagem por camadas naturais, mas por planos de 5cm e/ou 10cm.

Todos os perfis e estruturas foram registados, desenhados, fotografados e cotados.

Os fragmentos cerâmicos associados a estruturas e a "solos" de ocupação bem como os materiais metálicos, líticos e concentrações de ecofactos foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

De todas as camadas arqueológicas foram retiradas amostras de terra para análises de geoquímica, assim como da última camada escavada, estéril, o que permitirá parâmetros de comparação. Com estas análises pretende-se verificar a possibilidade de detectar a existência de práticas metalúrgicas através da composição dos sedimentos. Esta metodologia, inovadora na sua aplicação à arqueologia, será efectuada por Diamantino Pereira ínsua do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.

Os sedimentos, sobre pavimentos ou estruturas de combustão e os provenientes de fossas e buracos de poste, foram flutuados, para isolar o material carbonizado. Este foi analisado por Isabel Figueiral em termos de antracologia e paleocarpologia. Dos ecofactos foram retiradas, também, amostras para datação radiométrica que se realizam no Laboratório "Rocasolano" de Madrid.

Os ossos estão a ser estudados por João Luís Cardoso.

Os líticos, de difícil classificação, foram identificados por António Caetano Alves e Diamantino Pereira ínsua, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.

O material proveniente da escavação deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, onde foi lavado e marcado. Após o seu estudo, transitará para o Museu Municipal de Esposende.

4. ESCAVAÇÃO

4.1. Quadrados H9 e M11

4.1.1. Estratigrafia

Nestes quadrados, a estratigrafia apresenta a seguinte sequência (Fig. 5.1 e 5.2):

⁹ Agradecemos a Manuel Albino Penteado Neiva a gentileza de nos acompanhar nesta operação fornecendo-nos informações relevantes para a localização da antiga escavação.

- Camada 0** - terra castanha acinzentada, limosa, medianamente compacta, com raízes de pequeno porte. Possui veios de areia e integra materiais recentes, nomeadamente fragmentos de cerâmica, de vidro e de plástico.
- Camada 1** - terra castanha clara, areno-limosa, de média compacidade, com raízes de pequeno porte.
- Camada 2** - terra castanha, com manchas de cor ferruginosa, areno-limosa, mais limosa que arenosa, mais compacta do que a anterior (camada com níveis de ocupação/abandono).
- Camada 3** - terra de coloração heterogénea em matriz castanha escura, areno-limosa, mais arenosa que limosa, de média compacidade, com muitos carvões dispersos e concentrados. Por vezes foi subdividida para facilitar o estudo (camada com níveis de ocupação/abandono).
- Camada 4** - terra castanha, mais clara que a anterior, areno-limosa, de média compacidade e carvões esparsos.
- Camada 5** - terra castanha, algo arenosa, muito limosa e pesada, pois encontrava-se saturada de água (camada aparentemente estéril).

4.1.2. Estruturas

Camada 3

No quadrado H9 identificaram-se as seguintes estruturas:

- a) Pavimento de terra batida (Pav. 1), integrando algumas pedras de pequeno calibre, que ocupou a metade este do quadrado, à cota média de (-196). Sobre o pavimento recolheu-se argila de revestimento, cozida, com impressões vegetais.
- b) À cota (-227) identificou-se uma segunda estrutura, esta de combustão e sobre a qual se encontrava uma lenticula de terra, de cor amarelada, com nódulos de argila de revestimento (Lareira 2).

Camada 2 e 3

No quadrado M11 identificaram-se as seguintes estruturas:

- a) Mancha escura de cinzas e carvões (Lareira 1) associada a restos de argila e a pequenos fragmentos de osso, à cota de (-174). Apareceu no contacto das camadas 2 e 3.
- b) Restos de um pavimento de terra batida (Pav. 2), localizado no quadrante nor-noroeste, à cota de (-193). Pousados na argila encontraram-se fragmentos de ossos.
- c) Restos de um pavimento de terra batida (Pav. 3), integrando um chão com algumas pedras de médio e pequeno calibre. Aparece no quadrante sudoeste, à cota de (-214). Associava-se a argila de revestimento, cozida, com negativos de ramos.

Em síntese, as estruturas destes dois quadrados parecem articular-se entre si e permitem individualizar vários níveis de ocupação/abandono na camada 2 e na camada 3.

- Camada 2: **Quarto nível** de ocupação/abandono (Lareira 1) a - 174;
- Camada 3: **Terceiro nível** de ocupação/abandono materializado por um pavimento de terra batida (Pav. 1 e 2), entre -196 e - 193, respectivamente;

Segundo nível de ocupação/abandono, correspondente, também, a um pavimento de terra batida (Pav. 3) à cota de -214;

Primeiro nível de ocupação/abandono individualizado por uma lareira (lareira 2) à cota de -227. Sobre todas estas estruturas foi detectada argila de revestimento.

4.1.3. Espólio

Cerâmico

Camada 2

Detectaram-se fragmentos de cerâmica incisa metopada de tipo "Penha", a partir da cota -164, no quadrado Mil e no quadrado H9, a partir da cota -160.

Camada 3

São abundantes os fragmentos cerâmicos desta camada, todos de fabrico manual, pasta arenosa, cozedura redutora de média e má qualidade e cores entre o castanho e o alaranjado. A maioria é decorada com incisões, impressões e puncionamentos. Predominam as organizações decorativas de tipo "Penha".

Lítico

Camada 2

Os artefactos líticos são, essencialmente, em pedra lascada, quer em matéria-prima local, quer exógena. No primeiro grupo destacamos o quartzo leitoso e o quartzo hialino e, no segundo, o sílex. Registam-se, também, lascas e dejectos de talhe de quartzo e sílex a indiciar fabrico de artefactos no local.

Camada 3

Os líticos são em pedra lascada e polida. O sílex continua presente. Destacamos o aparecimento de uma conta de colar, alongada, de secção circular.

Ecofactos

Camada 2

Foram recolhidos vários carvões e diversas ossadas de animais.

Camada 3

Nas várias ocupações desta camada foi descoberta madeira, muitos carvões para análises antracológicas e paleocarpológicas e abundantes restos ósseos.

4.2. Quadrado W8

4.2.1 - Estratigrafia

Por motivos alheios à nossa vontade a escavação deste quadrado foi interrompida na camada 3. A estratigrafia observada tem a seguinte sequência:

Camada 0 - terra castanha acinzentada, limosa, medianamente compacta, com bolsas de raízes de milho e carvões concentrados. Integra materiais recentes, nomeadamente fragmentos de cerâmica e de vidro.

Camada 2 - terra castanha, com manchas de cor ferruginosa, areno-limosa, mais limosa do que arenosa, mais compacta do que a anterior.

Camada 3 - terra de coloração heterogénea em matriz castanha escura, areno-limosa, mais arenosa do que limosa, de média compactidade, com muitos carvões dispersos e concentrados (camada com níveis de ocupação/abandono).

4.2.2 - Estruturas

Neste quadrado não detectámos quaisquer estruturas.

4.2.3 - Espólio

Cerâmico

Camada 3

O espólio cerâmico é semelhante ao encontrado na camada 3 dos quadrados H9 e Mil.

Líticos

Camada 3

Foram encontrados vários seixos e artefactos sobre quartzos, nesta camada.

Ecofactos

Camada 3

Retirámos carvões para análises antracológicas, paleocarpológicas e de radiocarbono. Registámos, igualmente, restos ósseos. A distribuição do espólio ósseo parece indiciar uma relativa concentração entre as cotas de -197 e -210 o que corresponde, *grosso modo*, ao nível de ocupação/abandono da 1ª ocupação da camada 3 dos quadrados H9 e M11.

4.3. Quadrado G`2

Este quadrado foi aberto muito próximo do local onde a plataforma aplanada inicia um ligeiro declive na direcção do ribeiro da Igreja, distando deste cerca de 40 metros.

4.3.1 - Estratigrafia

A estratigrafia deste quadrado apresenta a seguinte sequência (Fig. 5.3):

Camada 0 - terra castanha acinzentada, medianamente compacta, limosa, com raízes de milho e bolsas húmidas em decomposição.

Camada 2 - terra preta, com manchas de cor ferruginosa, de compactidade média, areno-limosa, mais arenosa que limosa.

Camada 3 - terra castanha escura, de média compactidade, areno-limosa, mais limosa que arenosa. Integra bolsas de areia, muitos carvões dispersos e pequenos seixos rolados (camada com níveis de ocupação/abandono).

Camada 4 - terra castanha, mais clara que a anterior, de média compactidade, areno-limosa, com carvões esparsos (camada com níveis de ocupação/abandono).

Camada 5 - terra castanha escura, de menor compactidade do que a anterior, algo arenosa, muito limosa e pesada (estéril).

Camada 6 - nível de areão (não escavado).

4.3.2 - Estruturas

Neste quadrado não foi identificada qualquer estrutura.

4.3.3 - Espólio

Cerâmica

Camada 2

Nesta camada aparecem fragmentos de cerâmica de fabrico manual, pastas arenosas e decorações inseríveis no Calcolítico.

Camada 3

A cerâmica encontrada é de pasta arenosa, fabrico manual e cozedura redutora, conectável com as da camada 3 dos restantes quadrados. Ocorrem fragmentos com decorações incisas metopadas de tipo "Penha", com impressões e puncionamentos.

Camada 4

Nesta camada parecem ser mais comuns os fragmentos cerâmicos decorados com triângulos incisos, preenchidos por impressões, desde a cota de -250 a -282.

Líticos

Camada 3

Artefactos de pedra polida (pequeno moinho em matéria prima exótica) e em pedra lascada, foram registados.

Ecofactos

Camada 3

Foram recolhidos vários carvões para análises de antracologia e paleocarpologia, assim como diversos fragmentos de ossos.

Camada 4

Nesta camada exumámos alguns carvões e fragmentos ósseos.

4.4. Escavação em Área (Quadrados D2, E1, E2, E3, FO, F1, F2, G1, G2, H1, H2 e I1)

4.4.1 - Estratigrafia

A estratigrafia deste corte apresentava a seguinte sequência (Fig. 6.1 e 6.2):

Camada A - Resquícios da areia que cobria esta área retirada, previamente, com auxílio de retroescavadora. Aterros.

Camada 0 - terra castanha escura, limosa, medianamente compacta, com algumas raízes de pequeno porte. Possui intrusões de areia e integra materiais

recentes, nomeadamente fragmentos de cerâmica vidrada, de azulejo e de plástico.

Camada 2 - terra castanha avermelhada, com pequenas manchas de cor ferruginosa, areno-limosa, medianamente compacta, com carvões esparsos (camada com níveis de ocupação/abandono).

Camada 3 - terra de coloração heterogénea em matriz castanha escura, areno-limosa, mais arenosa que limosa, de média compactidade, com muitos carvões dispersos e concentrados. Esta camada, com potência considerável, materializa diversas ocupações e destruições, daí a sua heterogeneidade comprovada na estratigrafia horizontal e vertical, por vezes dividida por alíneas (camada com níveis de ocupação/abandono).

Camada 3b' - terra castanha, um pouco mais limosa do que a anterior que ocorre apenas nos quadrados G1, H1 e I1. Poderá, eventualmente, corresponder a uma camada com ocupação mais antiga, talvez relacionada com a camada 4 do quadrado G' 2.

Camada 4 - terra amarela, de média compactidade, areno-limosa, mais arenosa que limosa, com pequenos carvões esparsos, estéril.

4.4.2. Estruturas

Camada 2 (Fig. 7.1 a 7.3).

Nesta camada identificaram-se três estruturas de combustão (L1, L2 e L3):

- a) Lareira 1 (L1) - definida por grande concentração de carvões, de contorno irregular, aparece no quadrado D2, à cota de (-174).
- b) Lareira 2 (L2) - definida por grande concentração de carvões, de contorno irregular com pedras de pequeno calibre integradas no seu perímetro, ocupa parte dos quadrados F0 e F1, à cota de (-175).
- c) Lareira 3 (L3) - estrutura em covacho, de contorno oval, que integra no seu perímetro algumas pedras de pequeno calibre. Ocupa, parcialmente, os quadrados D2 e E2, à cota de (-184).

Camadas 3 e 3b (Fig. 8, 9 e 11).

Identificaram-se, nestas camadas, um pavimento argiloso (Pav. 1), duas cabanas (Cab. 1 e Cab. 2), de dimensões indeterminadas, distribuindo-se por grande parte da área escavada e uma fossa (F1):

- a) Pavimento 1 (Pav. 1), à cota de (-190 a -194);
- b) Cabana 1 (Cab. 1) - Apresenta resquícios de pavimento e buracos de poste de diferentes tipologias, à cota de (-207);
- c) Cabana 2 (Cab. 2) - O pavimento desta estrutura, em terra batida, associa-se, igualmente, a um significativo número de buracos de poste (às cotas de -206 a -216) e a uma acumulação de carvões (lareira?), detectada nos quadrados H1 e I1;
- d) Fossa 1 (F.1) - à cota de (-230).

Em síntese, as estruturas destes quadrados articulam-se entre si e permitem individualizar vários níveis de ocupação/abandono na camada 2 e nas camadas 3 e 3b.

- Camada 2: **Quinto nível** de ocupação/abandono (Lar. 1 e Lar. 2), entre as cotas de -174/-175;
Quarto nível de ocupação/abandono (Lar. 3), à cota de -184;
- Camada 3: **Terceiro nível** de ocupação/abandono (Pav.1), à cota de -190 a -194;
Segundo nível de ocupação/abandono materializado por dois pavimentos buracos de poste (Cab. 1 e Cab. 2), às cotas de cerca de -206 a -216 e uma lareira (?);
Primeiro nível de ocupação/abandono materializado por uma fossa (F. 1), à cota de -230.

4.4.3. Espólio

Cerâmico

Camada 2

Nesta camada ocorrem fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pasta arenosa, cozedura redutora, profusamente decorados com incisões, impressões e puncionamentos arrastados.

Camada 3

Esta camada forneceu grande quantidade de cerâmica manual, de pasta arenosa, grosseira, com desengordurantes de grande e médio calibre e cozeduras redutoras. As decorações são abundantes notando-se várias técnicas e organizações decorativas. Ocorrem fragmentos com incisões metopadas de tipo "Penha", fragmentos com bandas de triângulos incisos preenchidos por impressões, entre outras organizações decorativas.

Neste grupo incluímos, também, a argila de revestimento que é abundante nalguns quadrados.

A listagem que se segue corresponde apenas ao material cotado.

Lítico

Camada 2

Nesta camada recolheram-se vários artefactos em quartzo, xisto e sílex.

Camada 3

O espólio lítico é variado e efectuado em diversas matérias primas. Além de artefactos há o aproveitamento de alguns seixos de rio. Os objectos foram efectuados em pedra polida e lascada. Como instrumentos de pedra polida destacamos os vários fragmentos de moinhos manuais, dormentes e moventes e uma conta de colar, alongada, de cor verde. Em pedra lascada salientamos as pontas de seta em xisto e sílex e uma lâmina retocada, também em xisto.

Ecofactos

Camada 2

A par de carvões apareceram algumas ossadas de animais.

Camada 3

Nesta camada foram detectados inúmeros ecofactos, como troncos e ramos carbonizados, sementes de cereais, bolotas, entre muitos outros carvões e ossadas de animais.

5. BITARADOS: CRONOLOGIA INTERNA E FASES DE OCUPAÇÃO

A correlação das várias estruturas e camadas nos diferentes quadrados escavados permite admitir cinco fases de ocupação que designámos por Bitarados I, II, III, IV e V.

Bitarados V: camada 2. Corresponde a duas lareiras (Lar. 1 e Lar. 2) identificadas nos quadrados D2 e FO/ F1 e aos resquícios de uma lareira (lar. 1) do quadrado M11 (cotas entre - 174/175);

Bitarados IV: camada 2. Corresponde a uma lareira, em covacho, (Lar. 3) detectada nos quadrados D2 e E2 (cota de -184);

Bitarados III: camada 3. Relaciona-se com um pavimento argiloso (Pav. 1) detectado nos quadrados D2 e E2, com um pavimento (Pav. 1) do quadrado H9 e com outro pavimento (Pav. 2) do quadrado M11 (cotas entre -190 e -196);

Bitarados II: camada 3. Mais extensa e complexa, estende-se por toda a zona escavada, numa área aproximada de 12 m². Integra vários pavimentos de cabanas (Cab. 1, Cab. 2 e Pav. 3 do quadrado M11), lareiras e buracos de poste (cotas entre -206/216);

Bitarados I: camadas 3 e 3b. Relaciona-se com a fossa 1 dos quadrados H1/11, com a lareira 3 (Lar. 3) do quadrado H9 e, talvez, com a camada 4 do G'2 (cotas entre -227 a -230)

O material cerâmico, abundante e profusamente decorado, também deixa perceber uma estratigrafia cultural dada a alteração nas percentagens de algumas organizações decorativas de Bitarados V para Bitarados I o que terá que analisar-se através de um estudo sistemático e exaustivo deste espólio.

6. BITARADOS NO CONTEXTO LOCAL

De uma forma geral, o tipo de estruturas, artefactos e ecofactos, analisados em associação, autorizam a classificação deste local como um povoado aberto, de média/longa duração, com vocação agrícola e pastoril, onde as populações efectuariam algumas actividades transformadoras e estariam ligadas a uma rede de contactos de âmbito supra-regional, no âmbito de uma modo de vida *"irreversivelmente agrário e pastoril"*.

Actividades de foro ritual e simbólico manifestam-se, indirectamente, através dos achados dos níveis IV, III e II. Referimo-nos aos vários fragmentos de ocre, às pontas de seta em sílex e xisto, às contas de colar, afinal artefactos de excepção que deveriam ser manipulados no âmbito de acções rituais inerentes ao quotidiano destas populações numa perspectiva que rejeita a divisão entre doméstico e não doméstico e que entende o quotidiano como algo de extremamente complexo e não meramente funcional.

As características genéricas do espólio exumado e das várias ocupações admitem a integração deste povoado no Calcolítico, em datas a precisar após os resultados de análises radiométricas.

7. BITARADOS NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO MICRO-REGIONAL

Numa análise de contexto, através da aplicação do Site Catchement Analysis (DAVIDSON et al. 1984) verificámos que, no interior do provável território pedestre de 30m deste povoado,

ocorrem inúmeros monumentos megalíticos de âmbito sepulcral que não terão passado despercebidos às populações de Bitarados como elementos transformadores da paisagem. Dos catorze registados nesta situação, sabemos que quatro eram dólmenes de corredor, monumentos, normalmente, de maior pervivência cronológica. Destes, apenas três foram intervencionados cientificamente, quer por escavações, quer por limpezas. Referimo-nos à mamoa da Cerca onde uma espiral de prata (ALMEIDA 1985) demonstra reutilização em contextos da Idade do Bronze, à Antela da Portelagem, também de corredor e com gravuras onde a ocorrência de cerâmica campaniforme e da Idade do Bronze (SILVA 1994: 166), admite reutilização durante o III e II milénios AC. Dos dólmenes de corredor da Arribada I e do Souto Cerquido, não temos qualquer informação adicional.

Nos limites do território de 30m de Bitarados foi escavado o dólmen de corredor do Rapido 3, reutilizado no III milénio AC, como se infere pelo aparecimento de uma alabarda em sílex, fragmentada, e por cerâmica campaniforme. Nova reutilização teria ocorrido no II milénio AC, reduzível pelo depósito de cerâmicas conectáveis com a Idade do Bronze (SILVA 1994)¹⁰.

É curioso verificar que, em alguns megálitos, também foram exumadas pontas de seta em sílex, de base recta ou côncava, como nas mamoas do núcleo da Serra, similares às encontrada em Bitarados.

Ainda no território de 60m deste povoado deparamo-nos, igualmente, com mais de uma dezena de mamoas e três menires, todos eles na periferia do território. A noroeste encontramos o do Monte e a este, os menires fálicos do Marco da Zarelha e da Pedra do Coelho.

Obviamente que na falta de datações radiométricas e de publicações monográficas sobre as escavações ocorridas nestes monumentos é difícil estabelecer uma sincronia indiscutível entre o povoado de Bitarados e as diferentes expressões megalíticas a que espacialmente está conectado. No entanto, e dada a pervivência de utilização ou reutilização de alguns monumentos é verosímil, até novos dados, pensar-se que poderiam ter sido usados pela população de Bitarados.

A relação com outras estações que têm fornecido cerâmicas incisas metopadas de tipo "Penha" na região, tais como Quinta de S. Martinho/Gandra, S. Lourenço ou Cova da Bouça, todas no território pedestre de 60 minutos de Bitarados, mas em posições geo-morfológicas distintas são, na falta de escavações, muito difíceis de determinar.

Aguardamos, pois, o prosseguimento dos trabalhos para podermos tirar novas ilações sobre este importante local da Pré-História Recente do Noroeste de Portugal¹¹.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1979). *O menhir de S. Paio de Antas - Esposende*, Esposende.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1982). O Castro de S. Lourenço, Vila Chã - Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 2, Esposende, pp. 5 - 17.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1985). Carta Arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 7/8, Esposende, pp. 27 - 51.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1986). Carta Arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 9/10, Esposende, pp. 39 - 59.

¹⁰ - Apesar de terem sido escavados já há muito tempo, a falta de publicação dos resultados, de forma sistemática, tem impedido a real compreensão destes monumentos no contexto do Noroeste Peninsular.

¹¹ - Agradece-se à Câmara Municipal de Esposende e à Junta de Freguesia de Vila Chã, todas as facilidades e apoio prestado na consecução deste trabalho.

- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1987). Carta Arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 11/12, Esposende, pp..
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1988). Carta Arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 13/14, Esposende, pp. 21 - 44.
- CARDOSO, M. (1951). Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, 61 (1 - 2), Guimarães, pp. 5 - 80.
- CRUZ, Domingos J. & A.A. Huet B. Gonçalves (1998-1999). A Necrópole de "Agra de Antas" (S. Paio de Antas, Esposende, Braga), *Portugália*, nov. sér., 19/20, Porto, pp. 5 - 27.
- DAVIDSON, I. & G. N. Bailey (1984). Los yacimientos, sus territorios y la topografía, *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, t. II, 1, pp. 25 - 46.
- FORTES, J. (1905-1908). Vasos em forma de chapéu invertido (Vila do Conde), *Portugália*, 2 (4), Porto, pp. 662 - 665.
- JORGE, Susana Oliveira (1978). Pontas de seta provenientes dos túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal, *Mínia*, 2^a sér., vol. 1, fase. 2, Braga, pp. 99 - 175.
- JORGE, Susana Oliveira (1986). *Povoados da Pré-história recente da região de Chaves – V^a. P^a. de Aguiar*, vol. 1-B, Porto.
- JORGE, Vitor Oliveira (1980). Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião, *Portugália*, nov. sér., 1, Porto, pp. 9 - 28.
- JORGE, Vitor Oliveira (1980). *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols., Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto (Policopiada)
- LEISNER, V. (1958). Nota sobre um vaso transmontano, *Arqueologia e História*, 8^a sér., 8, pp. 145 - 153.
- NEIVA, Manuel Albino Penteado (1999). *Vila Chã (Esposende): Uma Terra Milenar*, Vila Chã, pp. 24 - 27.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1984). *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*, Madrid, 2 vols., Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid (Policopiada)
- SANCHES, M. J. (1981). Recipientes cerâmicos da Pré-História recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 88 - 98.
- SARMENTO, F. (1895). Materiaes para a archeologia da comarca de Barcellos, *Revista de Ciências Naturaes e Sociais*, 3, Porto, pp. 62 - 69.
- SARMENTO, F. (1933). *Dispersos*, Ed. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SILVA, E. J. (1994). Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto, *Actas do Seminário 0 Megalitismo no Centro de Portugal*, Mangualde 1992, pp. 157 - 169.
- SOUSA, A. (1981/1982). A cerâmica da Gandra-Esposende, *Portugália*, nov. sér., 2-3, Porto, pp. 41 - 59.
- VASCONCELOS, J. L. (1901). Extractos da correspondência de F. Martins Sarmiento (1881 -1883), *Arqueólogo Português*, 6, Lisboa, pp. 30 - 48.

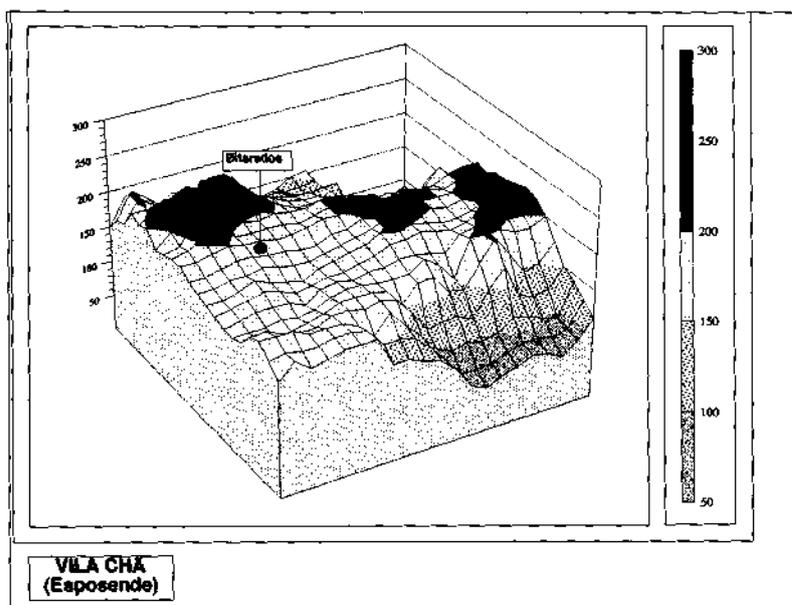


Fig. 3 – Projecção 3D do “planalto de Vila Chã”. Vista de SSO (programa Wings, versão 1.1).

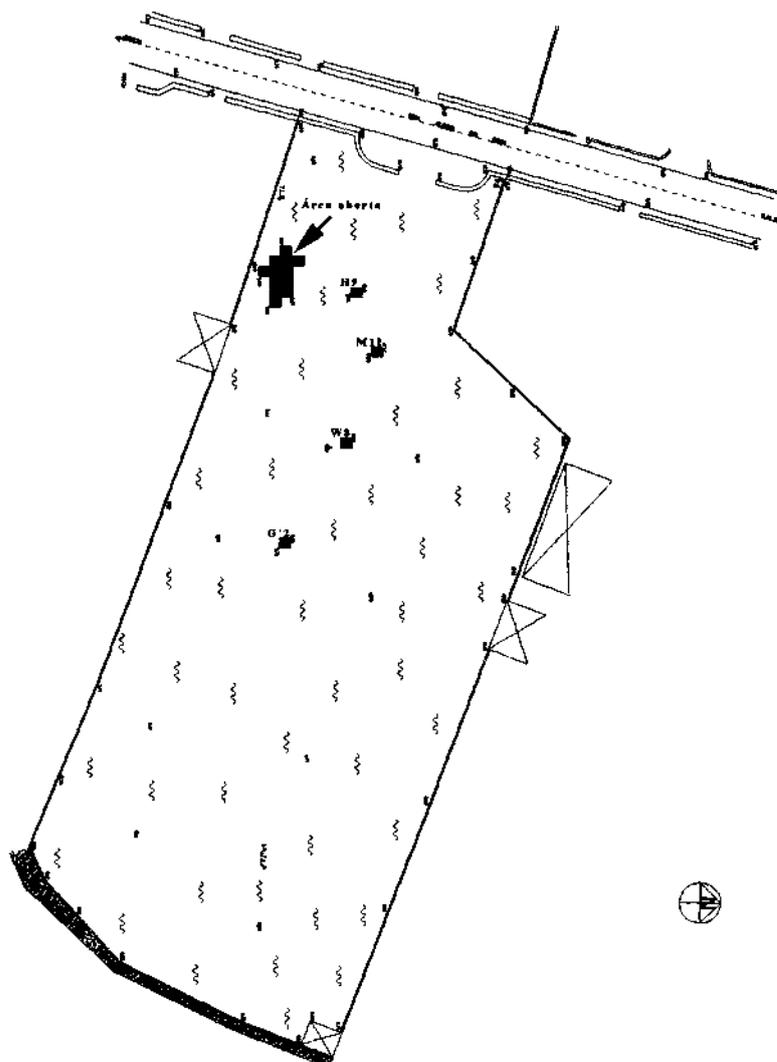


Fig. 4 – Localização das sondagens à escala 1: 200 (reduzido a 50%).

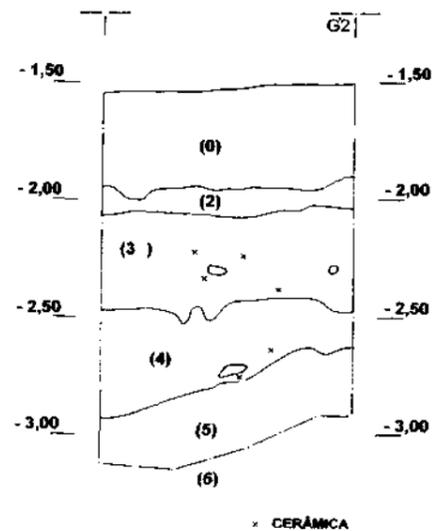


Fig. 5.3 - Perfil Norte do quadrado G'2.

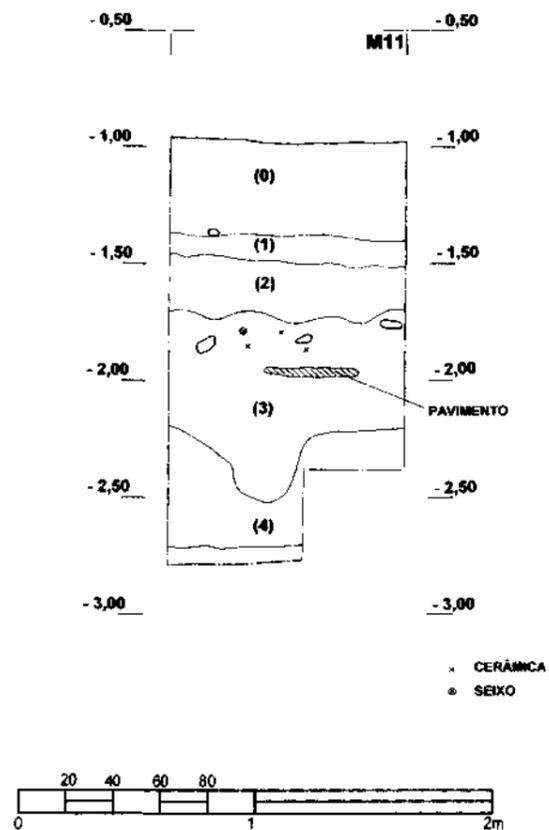


Fig. 5.2 - Perfil Norte do quadrado M11;

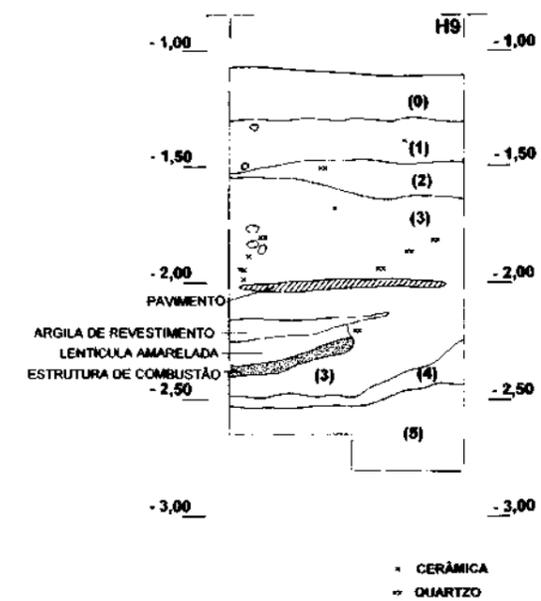


Fig. 5.1 - Perfil Este do quadrado H9;

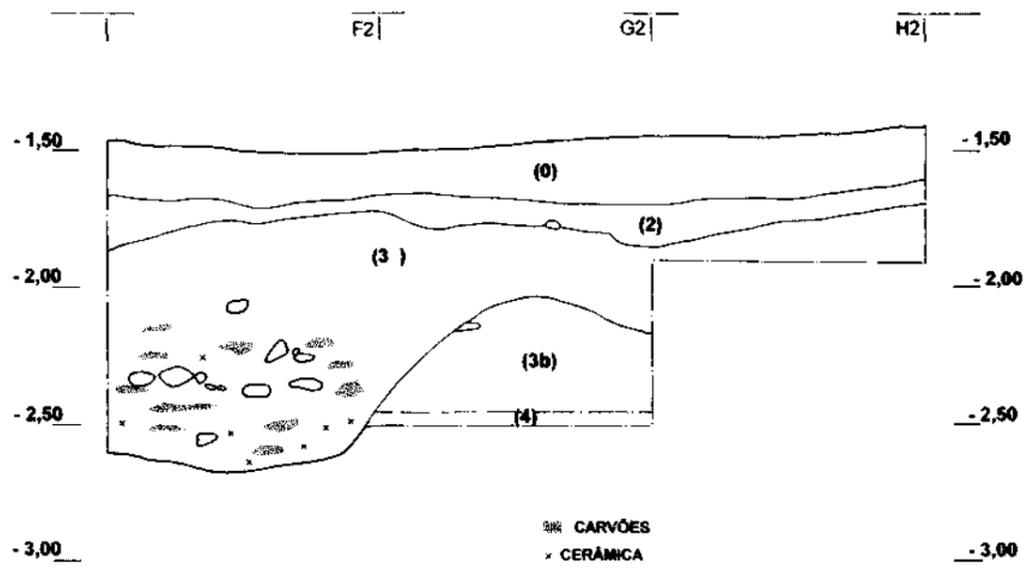


Fig. 6.1 - Perfil Norte dos quadrados F2, G2 e H2.

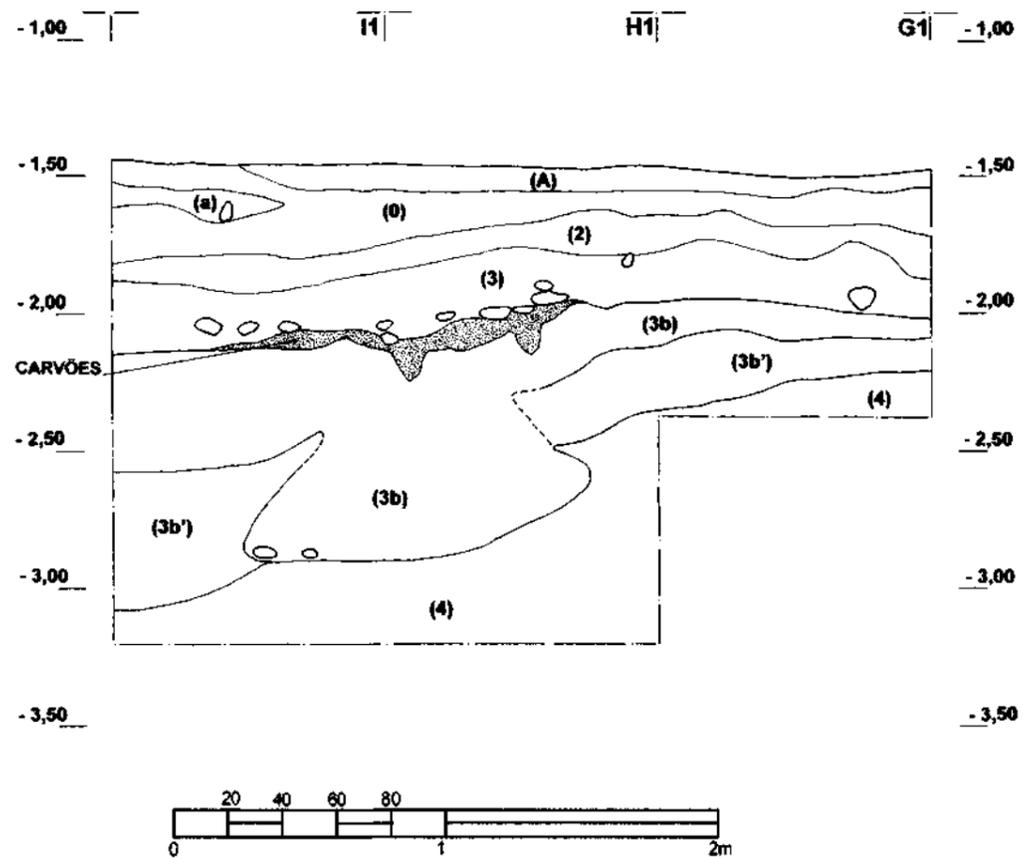


Fig. 6.2 - Perfil Sul dos quadrados G1, H1 e I1, com representação da fossa 1..

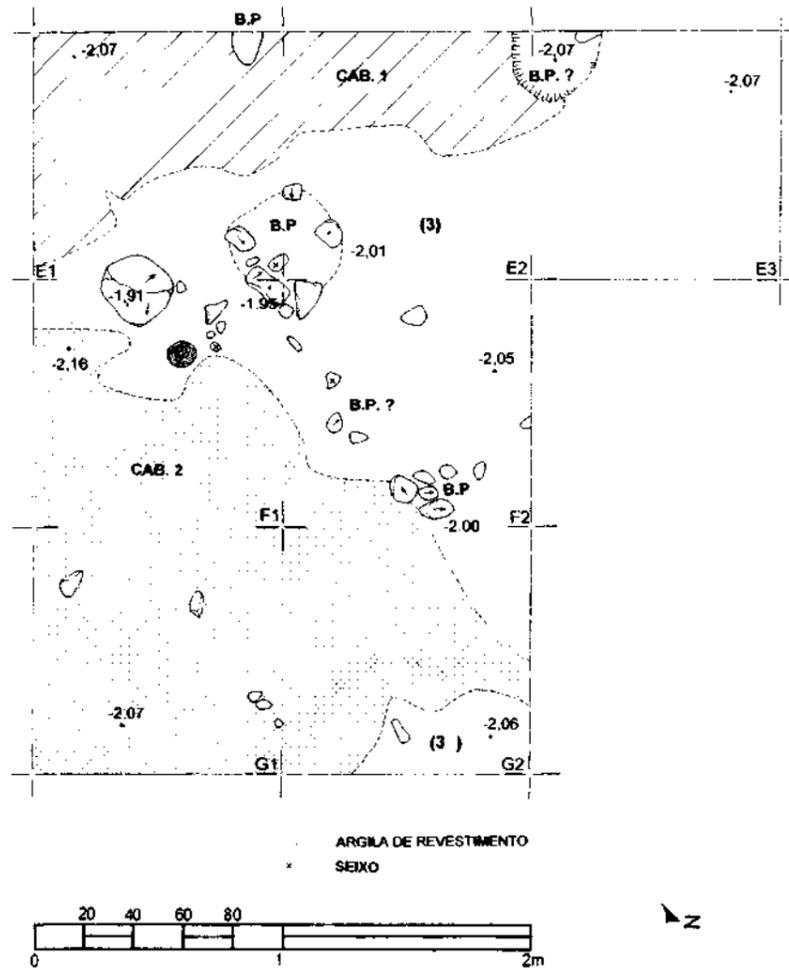


Fig. 9 – Plano geral 4. Nível de ocupação da camada 3, (Cabanas 1 e 2).

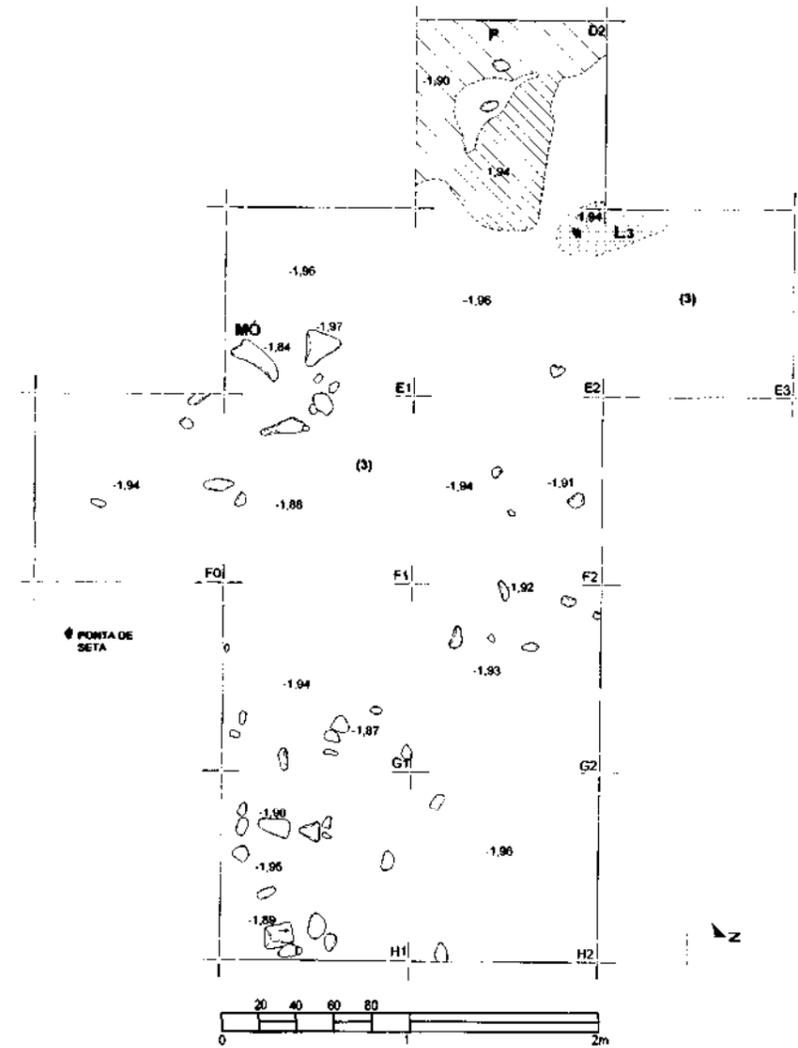


Fig. 8 – Plano geral 2. Pavimento 1 da camada 3 (P), com perturbação da tarefa 3 (L3) da camada 2.



Fig. 10 – Bitarados (vista de nascente).

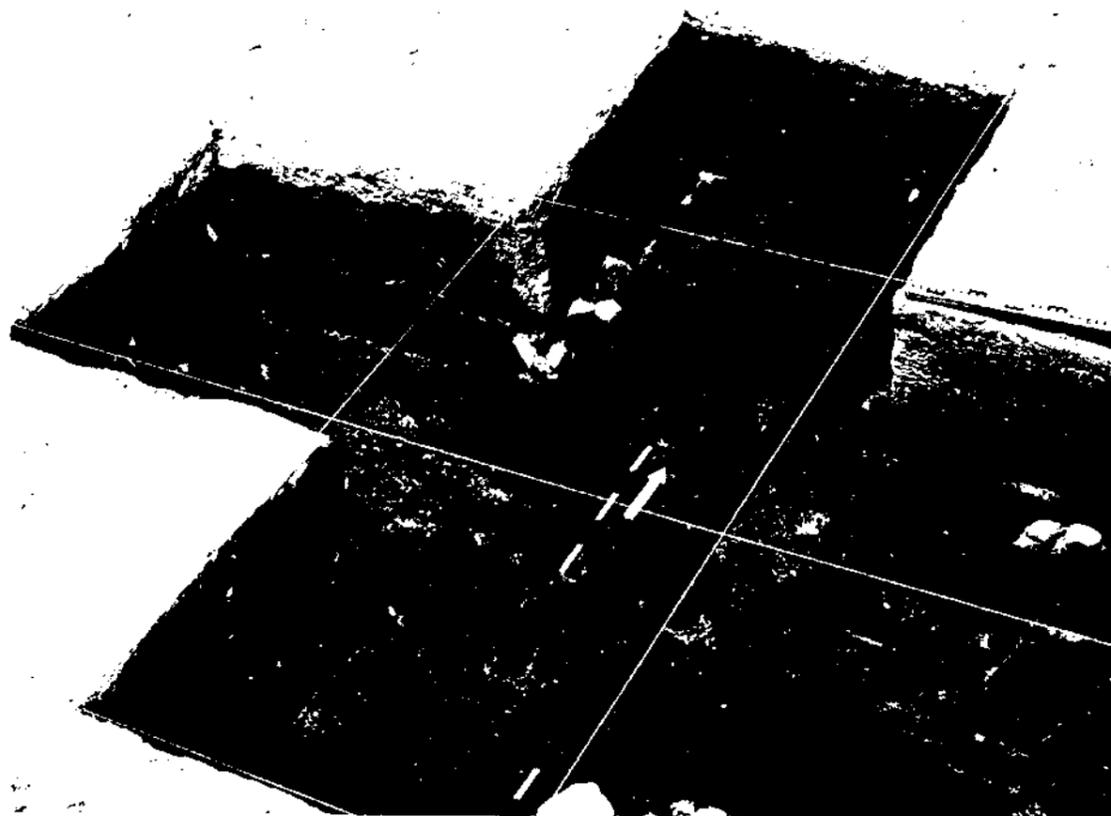


Fig. 11 – Nível de ocupação da camada 3, com resquícios da lareira 3 e resto do pavimento, 1.

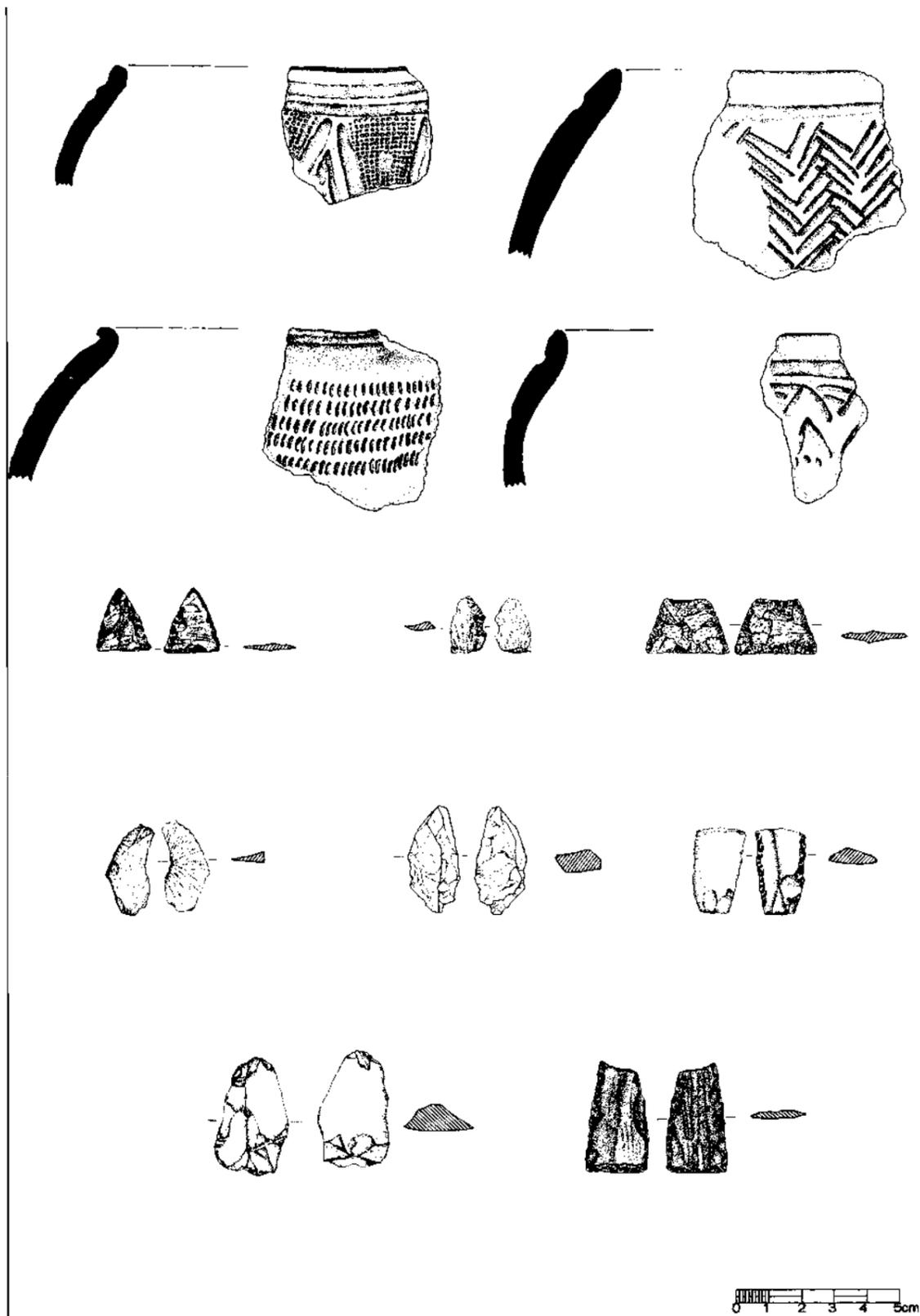


Fig. 12 - Fragmentos cerâmicos e líticos da camada 3. Desenhos efectuados por Jorge Guedes.